

**TRADUÇÃO**

**APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO**

**POLÍTICA, GUERRA FRIA E RESISTÊNCIA INTELECTUAL**

*Luiza Helena Hilgert<sup>1</sup>*

O estudo sobre a teoria e a vivência políticas de Jean-Paul Sartre não é um empreendimento ainda finalizado pelos pesquisadores e intérpretes do pensamento deste grande autor do século XX. Por vezes, chegamos até a desconsiderar a relevância das temáticas políticas e históricas do conjunto teórico sartriano. Nos casos mais extremos, essa lacuna pode mesmo levar à compreensão equivocada acerca da presença dos temas políticos nos seus escritos, especialmente daqueles iniciais. O texto aqui traduzido de Bastien Amiel, publicado originalmente no livro *A França na Guerra Fria: novas questões* (2015), oferece uma visão panorâmica dos principais agentes fundadores do Movimento Democrático Revolucionário (RDR), que foi, ao mesmo tempo, um partido político e uma organização coletiva engendrado na forma de recusa às imposições políticas trazidas com a Guerra Fria.

As circunstâncias históricas da criação do RDR estão enraizadas na expectativa de um terceiro conflito mundial, aliadas à falta de perspectiva de políticas de esquerda satisfatórias para resolver a insolúvel equação da Guerra Fria. A potencial batalha entre duas grandes potências bélicas é assumida pelo imaginário da época como o risco de uma terceira guerra com dimensões catastróficas jamais vistas. As três décadas que separam a Primeira Guerra Mundial desta nova ameaça foram suficientes para reconfigurar completamente o *modus operandi* do que seria uma guerra na qual os inimigos possuem armas de destruição em massa. O sentimento de uma guerra realmente mundial e altamente devastadora é, com efeito, um elemento presente na mentalidade do final dos anos 1940 e começo dos anos 1950. Concomitante a esse cenário, o Partido Comunista Francês não contempla os interesses e anseios da esquerda proveniente dos movimentos de Resistência. Nas eleições gerais de 1945, o Partido Comunista Francês experimenta um notável crescimento político<sup>2</sup> que dura até maio

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pela UNICAMP. Professora de Filosofia na UFES. E-mail: luizahilgert@hotmail.com

<sup>2</sup> “A importância do PCF é afirmada por ocasião das eleições de 21 de outubro de 1945, nas quais o Partido obtém 26,2% dos votos (contra 14,76% em 1936), o que se transforma em 160 lugares na Câmara dos

de 1947, quando é expulso do governo. Para além de um cenário bélico *em germe*, as condições políticas e socioeconômicas na França se agravam. Simone de Beauvoir chega a falar em *psicose de guerra*<sup>3</sup>.

O *Apelo do Comitê pelo Movimento Democrático Revolucionário*, também conhecido como *Nós somos milhões que procuram o mesmo caminho*, foi publicado em 26 de fevereiro de 1948 no jornal *Franc-Tireur*, explicando os objetivos do grupo e conclamando os interessados a se unirem à causa. O apelo é redigido e assinado pelos protagonistas do movimento político que se pretende uma alternativa. Dentre os mais ilustres membros, Jean-Paul Sartre, David Rousset e Georges Altman, O apelo convoca os sobreviventes do *inferno* que foi a Segunda Guerra Mundial, ex-membros da Resistência, militantes, simpatizantes e os companheiros de caminhada (*compagnons de route*) dos grandes movimentos que exigem a emancipação social para a formação de um coletivo (*rassemblement*) de homens livres em prol da democracia revolucionária dirigida pelos princípios de liberdade e de dignidade humana ligados à luta pela revolução social.

O artigo de Bastien Amiel nos mostra como o RDR foi muito mais um movimento, um *rassemblement*, uma organização coletiva, que um *partido* propriamente dito, até porque autorizava a dupla filiação, permitindo que os seus membros pertencessem ao mesmo tempo ao RDR e a um partido político nos moldes tradicionais que melhor representasse os diferentes anseios políticos individuais dos protagonistas. E mais que isso, o artigo nos mostra como a formação deste Movimento fomentou a intervenção dos protagonistas nos partidos políticos e, conseqüentemente, no cenário político e social desse final dos anos '40.

---

Deputados. Ultrapassa, dessa maneira, a SFIO (23,4% dos votos, 142 lugares) sem falar dos resultados mais modestos dos partidos de centro-esquerda, centro-direita e de direita. O PCF se torna a primeira força política e assume quatro Ministérios no Governo do General de Gaulle”. (Berstein e Milza (1991), citado por DRAKE, David. “Sartre et le parti communiste français (PCF) après la libération (1944-1948). *Sens public*. Published online : 2006/03, p. 2). Esses dados conflitam em variação numérica com os de Bell e Criddle no entanto, ambas as fontes concordam no exuberante crescimento do PCF: “O Partido ascendeu largamente em 1945, alcançando 5 milhões de votos (26,1%) e, com 148 cadeiras, se tornou o Partido com maior representação na Assembleia; uma performance repetida em junho de 1946 (25,7% - 146 lugares). [...] Com o aumento para 5,5 milhões de votos (28,6%) manteve a posição de maior Partido na Assembleia com 165 lugares” (BELL, David Scott; CRIDDLE, Byron. “1920-1956”. In: *The French Communist Party in the Fifth Republic*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 76)

<sup>3</sup> BEAUVOIR, Simone de. *La force des choses*. Paris: Gallimard, 1963, p. 163

# MOVIMENTO DEMOCRÁTICO REVOLUCIONÁRIO: PROTAGONISTAS E CONJUNTURA DE UMA EQUAÇÃO INSOLÚVEL<sup>1</sup>

Bastien Amiel<sup>2</sup>

Tradução de Luiza Helena Hilgert

O Movimento Democrático Revolucionário (RDR – *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire*<sup>3</sup>), organização política criada em 27 de fevereiro de 1948 por intelectuais (escritores, filósofos, etc.), jornalistas-intelectuais, militantes políticos e sindicalistas, se identificava como um “movimento organizado de pessoas *livres* em nome da democracia revolucionária”<sup>4</sup>. Essa *liberdade* reivindicada pelo movimento deve ser entendida em relação aos partidos e organizações políticas existentes, mas também em relação às diretivas de *campos* impostas pela Guerra Fria, no sentido de que recusava que a “política dos blocos”<sup>5</sup> determinasse seu posicionamento. Apesar do fracasso precoce – menos de dois anos depois da criação –, o RDR continua a ser um fenômeno político cuja vida póstuma é, segundo numerosos textos referentes ao período, paradoxal sob muitos aspectos.

A historiografia do RDR é construída principalmente sobre recorrentes evocações que se limitam, em geral, à lembrança entusiasmada das duas personalidades que supostamente simbolizaram este projeto: Jean-Paul Sartre e David Rousset<sup>6</sup>. Com exceção

---

<sup>1</sup> Texto original publicado em: *La France en guerre froide: nouvelles questions*, dirigido por Sylvie Le Clech e Michel Hastings, pela Éditions Universitaires de Dijon em setembro de 2015.

(ISBN 978-2-36441-109-8 / Tout droits réservés: EUD-Université de Bourgogne Franche-Comté)

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Université Paris Nanterre.

<sup>3</sup> No original em francês, *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire – RDR*. Os poucos textos e artigos em português citando o movimento, traduziram o termo *rassemblement* por reunião, agrupamento e aliança. Em inglês, encontramos o uso das seguintes terminologias: *Assembly, Union, Rally, Gathering*. Nota da Tradutora.

<sup>4</sup> “Apelo do comitê para o Movimento Democrático Revolucionário”, *Franc-Tireur*, 27/02/1948 e *Esprit*, n° 3, março de 1948, p. 464 (*grifos nossos*).

<sup>5</sup> (*Ibidem*, p. 465).

<sup>6</sup> Cf., entre outros, Michel-Antoine Burnier, *Les existentialistes et la politique*, Gallimard, Paris, 1966 (Em português: *Os existencialistas e a política*. Lisboa: Ulisseia, 1967); Ariane Chebel d’Appolonia, *Histoire politique des intellectuels en France (1944-1954)*, Complexe, Paris, 1991 (*História política dos intelectuais na França (1944-1954)*. Sem publicação em português.); Michel Winock, *Le siècle des intellectuels*, Seuil, « Essais », 1997 (Em português:

de duas dissertações de mestrado em História<sup>7</sup>, somente um estudo mais denso foi consagrado à historiografia do RDR, é o de Ian Birchall, *Nem Washington, nem Moscou? Ascensão e queda do Movimento Democrático Revolucionário*<sup>8</sup>, de 1999. O historiador britânico resgata a história do RDR com base em fontes da imprensa, notadamente do próprio jornal do RDR, *La gauche (A esquerda)*, além de entrevistas concedidas a Jean-René Chauvin e os arquivos disponibilizados pelo próprio Chauvin, que fora, ele próprio, militante do RDR. Birchall faz uso ainda de testemunhos escritos, oriundos de biografias e autobiografias dos antigos membros do movimento.

Apoiando-se sobre os trabalhos citados, o objetivo deste artigo é o de esboçar um retrato panorâmico, semelhantemente a uma biografia coletiva, do conjunto dos protagonistas do RDR, do que poderíamos designar, não sem cometer algum excesso, como seu *grupo dirigente*. Embora seja difícil identificar todos os membros que compuseram o desenvolvimento e a evolução deste grupo em via de estruturação, os dados biográficos concernentes aos militantes são, hoje, suficientemente numerosos, particularmente aqueles fornecidos por dicionários biográficos<sup>9</sup>, para elaborar um retrato de grupo. Esta abordagem mais sistemática apresenta o cuidado metodológico de não focar nos agentes mais conhecidos, mas de integrar à análise aqueles que *não permaneceram na história*. Parece-nos possível identificar e conhecer o grupo dirigente do RDR por meio do estudo e do exame do Comitê Diretor, da equipe do jornal *La gauche* (lançado em maio de 1948) e dos palestrantes dos dois principais encontros organizados pelo RDR.

---

*O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000); Michel Surya, *La révolution rêvée. Pour une histoire des intellectuels et des œuvres révolutionnaires. 1944-1956*, Fayard, Paris, 2004 (*A revolução sonhada. Por uma história dos intelectuais e das obras revolucionárias*. Sem publicação em português).

<sup>7</sup> François Brajus. *O Movimento Democrático Revolucionário: fevereiro de 1948 – fevereiro de 1950*. (*Le Rassemblement Démocratique Révolutionnaire, février 1948-février 1950*). Dissertação (*Mémoire*) de Mestrado em História. Orientador: Jean-Marie Mayer. Universidade Paris IV, 1988 (Sem publicação em português). Thibaut Rioufreyt. *O RDR (Movimento Democrático Revolucionário). História de um fracasso político*. (*Le RDR (Rassemblement Démocratique Révolutionnaire). Histoire d'un échec politique*). Dissertação (*Mémoire*) de Mestrado – Master 1 – em História Contemporânea. Orientador: Claude Prudhomme. Universidade Lumière Lyon-2, 2006.

<sup>8</sup> Sem publicação em português. No original: Ian Birchall. «Neither Washington nor Moscow? The rise and fall of the Rassemblement Démocratique Révolutionnaire». *Journal of European Studies*, nº29, 1999, pp. 365-404.

<sup>9</sup> Notadamente, Claude Pénnetier (Dir.). *Maitron*. Dicionário biográfico: movimento operário, movimento social de 1940 a maio de 1968. (*Le Maitron. Dictionnaire biographique: mouvement ouvrier, mouvement social, de 1940 à mai 1968*). Ivry-sur-Seine: Edition de l'Atelier, novembro de 2010; Jacques Julliard e Michel Winock (Dir.). *Dicionário dos intelectuais franceses: pessoas, lugares, momentos*. (*Dictionnaire des intellectuels français: les personnes, les lieux, les moments*). Paris: Seuil, 2010; ou ainda François Marcot, Bruno Leroux, Christine Levisse-Touzé (Dir.). *Dicionário histórico da Resistência*. (*Dictionnaire historique de la Résistance*). Paris, Robert Laffont, 2006.

## O Comitê Diretor e os “grupos-incubadoras”

Do baixo grau de estruturação do RDR, resulta o lugar de destaque do Comitê Diretor como o único espaço de direção e de organização para além dos comitês locais<sup>10</sup>. O Comitê Diretor é responsável pela gestão e pela direção política do RDR em nível nacional, em conexão com os grupos de base. Reunido somente duas vezes, em 29 e 30 de setembro de 1948 e em 29 e 30 de janeiro de 1949, o Comitê Diretor congrega, entre suas duas dezenas de membros, os principais integrantes do RDR, o que permite identificar os grupos-incubadoras de onde se originaram a maioria dos afiliados ao RDR. Por grupos-incubadoras é preciso compreender os coletivos (grupos políticos, tendências partidárias, equipe editorial) formados antes do RDR, dos quais alguns militantes vão, individual ou coletivamente, aderir ao Movimento Democrático Revolucionário (RDR).

O primeiro dos grupos-incubadoras é formado por jornalistas do *Franc-Tireur*<sup>11</sup>, do qual uma parte da redação foi diretamente responsável pela fundação do RDR. Este é, nomeadamente, o caso de Georges Altman, Jean Ferniot, Bernard Lefort, Léon-Didier Limon e Charles Ronsac, todos membros do Comitê Diretor do RDR em setembro de 1948.

O percurso de Altman, Limon e Ronsac, antes de alcançar com a Liberação a posição de jornalista-intelectual, é assinalado pela ligação com o PCF. Altman adentra o Partido como jornalista do *L'Humanité* em 1922 e é excluído em 1929 por não adotar a linha “classe contra classe”. O engajamento de Ronsac e de Limon, que aderem ao Partido respectivamente em 1925 e 1933, acontece pela proximidade com Boris Souvarine. Posteriormente, como foi o caso de Jean Ferniot, ligado à Infiltração nas Administrações Políticas (NAS – *Noyautage des administrations publiques*) e Max Olivier, tornaram-se bastante ativos na Resistência: Limon, no seio do movimento *Franc-Tireur*; Altman, como responsável pelo jornal *Franc-Tireur* junto com Elie Péju, a partir de março de 1942; e, no caso de Ronsac, com Léon Hamon e a Federação Clandestina da Imprensa.

Desde sua constituição, o movimento *Franc-Tireur* optou por um socialismo revolucionário, respeitoso das liberdades individuais<sup>12</sup>. Deste ponto de vista, as convicções

---

<sup>10</sup> No jornal *La gauche*, o RDR menciona nove comitês locais parisienses em maio de 1948 e dezoito comitês departamentais em junho. Por fim, vinte e sete comitês são descritos como “em construção”. Na sequência, os números variam um pouco, a coluna “a vida do RDR” identificará cerca de vinte comitês.

<sup>11</sup> Jornal clandestino ligado ao movimento de Resistência de mesmo nome. Publicou trinta e sete números, de dezembro de 1941 a agosto de 1944. N. da T.

<sup>12</sup> “A revolução a ser feita, nós a concebemos somente na e pela liberdade [...]”, in: «Nosso socialismo», *Le Franc-Tireur*, nº14-15-16, citado por Dominique Veillon. *Franc-Tireur: um jornal clandestino, um movimento de Resistência. 1940-1944. (Le Franc-Tireur: un journal clandestin, un mouvement de résistance. 1940-1944)*. Flammarion, Paris, 1977, p. 428.

e as esperanças da Resistência, forjam sua identidade política e intelectual e são expressas na e pelas práticas jornalísticas, que se tornam a forma do seu engajamento na Liberação. Os debates políticos aflorados no seio do jornal *Franc-Tireur*, no entanto, não devem ser negligenciados. A redação do jornal é, com efeito, um lugar de afrontamentos entre partidários de uma linha próxima à do Partido Comunista Francês (PCF – *Parti Communiste Français*) e de jornalistas que reivindicam maior autonomia em relação ao Partido. Para Ronsac, o RDR teria sido “a ocasião de desviar o jornal desse caminho batido de unanimidade da qual se beneficiavam os comunistas”<sup>13</sup>. A aposta dos jornalistas era a de que sua adesão ao RDR reforçaria o peso nos conflitos internos da redação, o que explica, ao menos em parte, as investidas dos jornalistas do *Franc-Tireur* no RDR.

Os militantes originários de um grupo político aliado, o partido da *Jovem República* (JR – *Jeune République*), constituem um segundo grupo-incubadora. Fundado em 1912 por Marc Sangnier sob o nome *Liga da Jovem República*, se torna no ano de 1936, o *Partido da Jovem República* e representa, segundo Jean-François Kesler, “um socialismo de inspiração cristã”<sup>14</sup>. Contrários aos comunistas<sup>15</sup>, pacifistas no período entre-guerras<sup>16</sup>, grande número de seus membros se engajaram nas redes do *Franc-Tireur*, *Resistência* ou *Combat* durante a Ocupação. Com a Liberação, a JR enseja criar um “trabalhismo à francesa” com a assinatura de um pacto de unidade de ação com a *União Democrática e Socialista da Resistência* (UDSR – *Union Démocratique et Socialiste de la Résistance*) antes de integrar a Terceira Força. O fracasso dessas alianças conduz a JR a redigir um apelo em agosto de 1948, conclamando para uma ação comum com o RDR<sup>17</sup>. Cinco dos seus dirigentes foram cooptados pelo Comitê Diretor de setembro de 1948: Lucien Rose, Jean-Jacques Gruber, Pierre Le Rolland, Jacques Selosse e Henriette Morel.

A trajetória desses militantes é marcada por um engajamento resistente sindical e político. Como é o caso de Lucien Rose, envolvido desde 1940 com a criação do Colégio sindical de formação operária, difusor da imprensa clandestina, antes de tornar-se subchefe regional dos *Movimentos Unidos de Resistência* (MUR – *Mouvements Unis de Résistance*), na Savoia. Também de Pierre Le Rolland, fundador do jornal *En captivité*, na cidade de Nantes, em 1940 e membro do *Combat*, em Paris, antes de ser deportado. A dinâmica da adesão coletiva foi, sem dúvida, mais importante no caso da *Jovem República*, tanto que a

---

<sup>13</sup> Charles Ronsac. *Três nomes por uma vida. (Trois noms pour une vie)*. Robert Laffont, Paris, 1988, p. 232.

<sup>14</sup> Jean-François Kesler. «A Jovem República. Do nascimento ao Tripartismo. (1912-1947)». («La Jeune République de sa naissance au Tripartisme (1912-1947)»), in *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, 1978, Tome XXV, pp. 61-85.

<sup>15</sup> Jean-François Kesler, Op. Cit., p. 66.

<sup>16</sup> Jean-François Kesler, Ibid., p. 73.

<sup>17</sup> La Jeune République, « Vers l'union des forces de gauche. La Jeune République exprime son accord et sa volonté d'action commune avec le R.D.R. », *La Gauche*, n°5, Août 1948, p. 1

organização buscava alianças no campo político francês em recomposição. É o que confirma a trajetória de Jean-Jacques Gruber: saído da UDSR, foi para a JR e, brevemente, membro do Escritório Executivo da Terceira Força.

Expulsos das suas organizações em março de 1948 por terem ingressado no RDR, antigos militantes do Partido Comunista Internacionalista (PCI – *Parti Communiste Internationaliste*) pertencentes ao Comitê Diretor: Albert Demazière, Paul Parisot e Laurent Schwartz. Depois de Damazière ter se engajado no movimento Amsterdã-Pleyel e Parisot no Grupo Bolchevique Leninista (GBL – *Groupe Bolchévique Léniniste*), da Seção Francesa da Internacional Operária (SFIO – *Section Française de l'Internationale Ouvrière*), os dois filiam-se ao Partido Operário Internacionalista (POI – *Parti Ouvrier Internationaliste*), junto com Laurent Schwartz. Damazière e Parisot participam, em seguida, do Partido Socialista de Operários e Camponeses (PSOP – *Parti Socialiste Ouvrier et Paysans*). Finalmente, os três militantes se reencontram no momento da reconstrução do movimento trotskista durante a Ocupação e de sua reunificação no seio do PCI, em 1944, integrando, então, a tendência chamada “direitista” da organização.

É legítimo aproximar-lhes também David Rousset: afastado do PCI desde 1946, ex-membro do SFIO-GBL antes de filiar-se ao POI. Da mesma forma, o advogado Théo Bernard compartilha com esses protagonistas um percurso de pertencimento às diferentes organizações trotskistas: inicialmente, em 1930, envolvido com o movimento *Juventudes Socialistas* (JS – *Jeunesses Socialistes*); em 1934 adere ao GBL, depois ao POI, quando da sua criação. Além da proximidade com a história comunista, do engajamento em grupos trotskistas, algumas particularidades distinguem a posição destes intelectuais. Damazière e Parisot são jornalistas, assim como Rousset, mas que além da atividade literária inaugurada em 1946 com a publicação de *O universo concentracionário*<sup>18</sup>, seguida de *O dia da nossa morte*, de 1947, colabora com o jornal *Franc-Tireur*. Laurent Schwartz é, por sua vez, professor universitário em Nancy e reconhecido matemático<sup>19</sup>.

A Ação Socialista e Revolucionária (ASR – *Action Socialiste et Révolutionnaire*) foi uma outra *incubadora* de recrutamento para o RDR. Fundada sob as ideias divergentes de Yves Déchezelles, cuja oposição à política da Terceira Força levada pela SFIO, conduz à cisão em dezembro de 1947<sup>20</sup>. Com a ASR, Déchezelles procura reunir o PCI e a JS, dissolvidos pela SFIO. Depois de diversos encontros e negociações entre JS, PCI e ASR, a unificação entre os movimentos de esquerda acontece em março de 1948, mas somente entre ASR e JS, mantendo o nome de ASR. As negociações se voltam então ao RDR, de onde se decide pela aceitação da participação individual no Movimento Democrático Revolucionário. Yves

---

<sup>18</sup> Rousset ganha o Prêmio Renaudot com esta obra no mesmo ano da sua publicação.

<sup>19</sup> Receberá em 1950 a Medalha Fields por suas contribuições à matemática.

<sup>20</sup> Conferir Jean-Jacques Ayme. *Juventude Socialista. 1944-1948. (Jeunesses Socialistes. 1944-1948)*. Ed. Amalthée, Nantes, 2008.

Déchezelles, Jean Hubert, Marcel Rousseau e Desbarats ingressam, desta maneira, no Comitê Diretor do RDR.

O percurso destes últimos é formado de multi-posicionamentos, em particular no universo comunista de oposição e trotskista que, depois da participação na Resistência, contribuem com a estruturação de *Combat* e do Partido Socialista *via* o Comitê de ação socialista por parte de Déchezelles, ou ainda no ambiente de *Combat* na região lionesa, como é o caso de Marcel Rousseau; do que resulta, em 1945, no engajamento de esquerda da SFIO. No contexto das negociações com o PCI, a ASR procura conglomerar um grupo mais amplo a fim de facilitar a construção de um partido revolucionário forte e incisivo. Déchezelles defende que “[...] justamente em razão da ausência de posicionamento definido, ele [o RDR] é propício para reunir uma massa expressiva de elementos em evolução em direção às posições revolucionárias. Participar do RDR é uma maneira de influenciar profundamente esses sujeitos individuais nas ações comuns e de assegurar nosso desenvolvimento”<sup>21</sup>.

O Comitê Diretor também acolhe Gérard Rosenthal, Yves-Michel Biget e Jean Rous, membros da SFIO. Rosenthal e Rous, ambos advogados, militaram em grupos trotskistas no período entre-guerras. Em 1947, participando do RDR, intervêm no Partido Socialista opondo-se à política conduzida pelo governo Ramadier. O testemunho de Jean Rous o evidencia: “os comunistas nos acusaram de ter fabricado junto com o RDR uma ‘vitamina’ para a SFIO; não poderiam ter-nos feito elogio mais adequado, pois esta é exatamente a nossa vontade!”<sup>22</sup>.

Por fim, três outras personalidades fazem parte do Comitê Diretor: Maurice Nadeau, responsável pelos temas literários de *Combat*; Paul Fraisse, da revista *Esprit* e Jean-Paul Sartre, então diretor de *Temps modernes*. Sartre, todavia, parece não ter participado das principais reuniões do RDR. O percurso de Maurice Nadeau é semelhante ao dos outros protagonistas pela sua exclusão do PCF em 1932, por pertencer à oposição de esquerda, pela participação na Liga Comunista e na SFIO-GBL e, depois de uma nova expulsão, sua adesão ao POI.

## O jornal *La gauche* e os eventos organizados pela RDR

A maior parte dos colaboradores do jornal do RDR, *La gauche*, são membros do RDR e também jornalistas do *Franc-Tireur*. Artigos de militantes ou simpatizantes, contudo, são também publicados, especialmente na Coluna Sindical. Como aqueles do professor

---

<sup>21</sup> *A bandeira vermelha. (Le Drapeau Rouge)*. N°37, 1 de abril de 1948, citado por Jean-Jacques Ayme. *Juventude socialista. 1944-1948. (Jeunesses Socialistes. 1944-1948)*. Op. Cit., p. 391.

<sup>22</sup> Jean Rous e Dominique Gauthiez. *Um homem da sombra. (Un homme de l'ombre)*. Ed. Cana, Paris, 1991, p. 110.

primário Jean Duperray<sup>23</sup>, membro do Sindicato Nacional de Professores e da Confederação Geral do Trabalho (CGT – *Confédération Générale du Travail*), mais tarde membro da Resistência no *L'insurgé*, em Lyon; e de Francis Fuvel<sup>24</sup>, militante do *Juventude Socialista*, mais tarde da ASR, além de membro da Força Operária (FO – *Force Ouvrière*), onde luta pela unidade sindical.

O exemplo de Paul Bartoon<sup>25</sup>, sindicalista Tcheco exilado na França depois do Golpe de Praga, ilustra a intervenção pontual de alguns intelectuais ou *testemunhas* nas colunas do jornal. Seguindo a mesma lógica, Albert Camus e Claude Bourdet, sem aderir ao RDR, participam aos encontros e publicam ocasionalmente no *La gauche*<sup>26</sup> e, assim como outros, não hesitam em beneficiar o Movimento Democrático Revolucionário com o crédito de ser associado aos seus nomes.

Albert Camus e Claude Bourdet participam de dois encontros entre os mais importantes organizados pelo RDR. O primeiro, intitulado *A internacionalização do Espírito e a paz no mundo*, foi realizado na sala Pleyel, em 13 de dezembro de 1948. O encontro contou com oito intelectuais franceses na tribuna (Albert Camus, André Breton, Claude Bourdet, Georges Altman, Gérard Rosenthal, David Rousset, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre), além de cerca de dez intelectuais estrangeiros.

Organizado inicialmente na Sorbonne, na forma de um ciclo de conferências, o segundo encontro aconteceu em 30 de abril de 1949. Albert Camus, André Breton e Claude Bourdet somaram-se então a Pierre Emmanuel, Carlo Levi, Bertrand Russel e Sidney Hook. À noite, uma reunião realizada no Veld'Hiv, durante a qual palestraram, além de personalidades do RDR, alguns dirigentes da esquerda não-comunista, como Marceau Pivert, Edouard Depreux e Raymond Badiou, além de Garry Davis, antigo piloto da

---

<sup>23</sup> Jean Duperray. «Tribuna sindical. Pela unidade da democracia. A greve dos mineiros vista do Loire e seus ensinamentos». «Tribune syndicale. Pour l'unité par la démocratie. La grève des mineurs vue de la Loire et ses enseignements», *La Gauche*, nº11, 21 de janeiro de 1949, p.4.

<sup>24</sup> Francis Fuvel. «O trabalho dos nossos companheiros sindicalistas em um grande centro: Lion». («Le travail de nos camarades syndicalistes dans un grand centre: Lyon»). *La Gauche*, nº11, 11 fevereiro de 1949, p.4.

<sup>25</sup> Paul Barton. «Pelo renascimento da luta operária na Tchecoslováquia?». («Vers une renaissance de la lutte ouvrière en Tchécoslovaquie ?»). *La Gauche*, nº8, 15-30 de novembro de 1948, p.3.

<sup>26</sup> Claude Bourdet, dentre outros, «Eis o resultado colonial da França. Indochina, Madagascar, África do Norte, até quando será praticada essa política do suicídio?». («Voici le bilan colonial de la France. Indochine, Madagascar, Afrique du Nord, jusqu'à quand pratiquera-t-on cette politique de suicide?»). *La gauche*, nº 5, Agosto de 1948, p. 2; «O internacionalismo do espírito, antes de tudo uma forma de se sentir humano». («L'internationalisme de l'esprit, c'est d'abord une façon de se sentir humain»), nº 9, 9 de dezembro de 1948, p. 3; e Albert Camus, «À tribuna de *La gauche*. Nunca seremos favoráveis ao socialismo dos campos de concentração! Resposta a M. E. d'Astier de Vigerie». *La gauche*, nº 7, outubro de 1948, p. 1; «O artista é a testemunha da liberdade». («L'artiste est le témoin de la liberté»), *La gauche*, nº 9, 9 de dezembro de 1948, p. 3.

aeronáutica norte-americana, autoproclamado “cidadão do mundo” que desfrutava, na época, de grande notoriedade.

A exemplo de Albert Camus, de Claude Bourdet, de André Breton ou de Simone de Beauvoir, esses intelectuais presentes nas reuniões têm a particularidade de defender posições políticas próximas às do RDR, sem ter dedicado mais a essa atividade que um apoio simbólico. A análise das suas trajetórias biográficas permite não limitar seu engajamento com as lógicas resultantes exclusivamente do seu estatuto de intelectual e da sua proximidade com alguns dos responsáveis do Movimento Democrático Revolucionário. Por outro lado, é também em razão da sua relação com a militância política que é possível compreender as palestras e intervenções de Albert Camus e de André Breton, ambos ligados ao PCF, mas que ou dali saíram, ou foram excluídos.

No PCF, André Breton fez apenas uma curta e anedótica aparição a partir de 1926, antes de participar da Associação de Escritores e Artistas Revolucionários em 1933, de onde foi excluído no mesmo ano. Breton colabora, em seguida, com organizações trotskistas e funda com Trotski a Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI – *Fédération Internationale de l'Art Révolutionnaire Indépendant*). Albert Camus, por sua vez, participou do movimento Amsterdã-Pleyel antes de aderir ao Partido Comunista Argelino, na ocasião da Frente Popular (FP – *Front Populaire*), de onde foi desligado entre outubro e novembro de 1937. Jornalista, seu caminho é marcado sobretudo pelo envolvimento com a Resistência no *Combat*, do qual será redator-chefe do jornal oriundo do movimento resistente. Quer seja por Claude Bourdet, engajado desde 1940 e que participa na fundação de *Combat*, do NAP e depois do *Conselho Nacional da Resistência* (CRN – *Conseil National de la Résistance*), Pierre Emmanuel, ativo no bojo de *Combat* e do Comitê Nacional de Escritores (CNE – *Comité National des Écrivains*), ou ainda, em menor medida, Simone de Beauvoir no CNE, depois em *Combat*, encontramos uma participação na Resistência por meio de um engajamento ao mesmo tempo político e permeado por uma forma de “solidariedade de interesses literários”<sup>27</sup>. O itinerário desses intelectuais apresenta algumas semelhanças com outras trajetórias militantes, como oposição ou crítica ao universo comunista, engajamento resistente, ou ainda, como adesão a uma posição de intelectual engajado.

A descrição de alguns dirigentes do RDR, longe de ser exaustiva, permite ao menos evidenciar um certo número de elementos comuns sem esconder, todavia, a grande heterogeneidade do movimento. Uma complexidade própria confirmada pelos múltiplos

---

<sup>27</sup> Ver Gisèle Sapiro. «As condições profissionais de uma mobilização bem-sucedida: O Comitê Nacional dos Escritores». («Les conditions professionnelles d'une mobilisation réussie: le Comité national des écrivains»). in Antoine Prost (Dir.), *La Résistance, une histoire sociale*, Ed. de l'Atelier, Paris, 1997, p. 191.

posicionamentos dos numerosos agentes e reforçada por uma organização pouco ou quase nada estruturada.

### **O RDR no contexto da Guerra Fria: antes uma recusa que um projeto**

Uma atenção particular ao contexto de nascimento do Movimento Democrático Revolucionário permite descobrir uma certa lógica à construção heteróclita do RDR. Tanto no campo intelectual (acadêmico, jornalístico, editorial) como no campo político (internacional, francês, e no subcampo da esquerda radical), a Guerra Fria já exercia uma forte incidência que se traduzia em um processo de imposição ao posicionamento de cada um dos protagonistas do RDR. Ora, os atores sociais não vivem, com efeito, da mesma maneira essas determinações. Elas têm consequências diferentes sobre cada um dentre eles, em particular em razão das suas disposições e das trajetórias anteriores. É segundo essas especificidades que é necessário pensar o RDR como a resposta dada pelos seus fundadores às injunções da Guerra Fria, ou seja, não somente uma recusa de posicionamento, mas principalmente uma recusa *ativa, militante*, que se traduziu na criação de um movimento político.

A saída às imposições da Guerra Fria é engendrada pelos posicionamentos dos protagonistas no seio dos diversos campos em reconstrução e, sobretudo, pelo horizonte de possibilidades que o contexto oferecia. A estes elementos, adicionam-se a oposição, já antiga para a maior parte dentre eles, à linha ortodoxa do comunismo, que não deve tampouco ocultar a proximidade com este universo e esta história. Trata-se de uma relação paradoxal, de contestação da hegemonia do PCF sobre o movimento revolucionário, mas também de consciência da necessidade de não *romper* completamente com o PCF e, principalmente, com a sua base. É isso que exprime David Rousset na ocasião de um encontro na sala Wagram: “nós não faremos nada sem os quatro milhões de trabalhadores comunistas deste país”<sup>28</sup>.

É preciso, no entanto, considerar a participação na Resistência ao mesmo tempo como continuação de engajamentos políticos anteriores, tentativa de unificação dos movimentos de esquerda em vistas à promoção de uma renovação democrática e social, mas também como engajamento intelectual característico às profissões que se organizaram na base de interesses literários coletivos. Essas formas múltiplas de engajamentos resistentes revelam uma conexão comum entre os valores sustentados, sem, todavia, conseguir impô-los na Liberação, na revolução, na justiça social, na unificação das forças da esquerda. Seus posicionamentos enquanto intelectuais são, em grande parte, ligados a estes engajamentos ou porque os protagonistas do RDR são jornalistas-intelectuais da *imprensa*

---

<sup>28</sup> Provavelmente em 19 de março de 1948. Citado por Birchall, *Op. cit.*, p. 392.

*nascida* nos movimentos de Resistência, ou porque concebem sua situação de intelectual como correlativo de um engajamento político, de uma responsabilidade.

A participação no RDR pode ser assim compreendida muito mais como uma recusa que como um projeto. Recusa que ilustra, no contexto particular evocado, a força das circunstâncias sobre o posicionamento, algo característico deste período de início da Guerra Fria. O enfrentamento entre os blocos funcionando, então, como uma dinâmica que colabora com a recomposição dos espaços sociais de tomada de posição a ponto de tornar-se um dos principais elementos estruturantes. Os diferentes protagonistas se engajaram no RDR em razão de um capital militante fundado sobre a recusa da hegemonia comunista dentro do movimento operário e revolucionário, de um capital heroico resistente que perde, já nessa época, muito do seu valor e, por fim, de um capital intelectual que não se satisfaz em justificar uma posição *neutra* e torna necessário, portanto, a intervenção concreta no espaço político. Uma vez que não havia posição em que se pudessem congregiar neutralidade diante do contexto político com a valorização dos capitais que são a origem da legitimidade para assumir e seguir posições políticas, lhes era indispensável criá-las. Eis o nascimento do Movimento Democrático Revolucionário.

O contexto multifacetado de reconstrução política do início da Guerra Fria é, ao mesmo tempo, o elemento que impele os membros do RDR a se posicionarem e a criarem o Movimento Democrático Revolucionário e o fator preponderante na explicação do seu fracasso<sup>29</sup>. Posto que era praticamente impossível repelir as injunções oriundas da dinâmica da Guerra Fria, uma vez que os recursos dos protagonistas do RDR – quer sejam militantes, intelectuais ou heróis – perdem gradativamente seu valor em um contexto de transformação dos espaços sociais de relações e de posicionamentos, a ponto de não resistirem politicamente para legitimar suas posições.

O início da Guerra Fria os conduz a criar o RDR na mesma medida em que tornou, no meio de diferentes espaços sociais que procuraram ocupar, sua implementação impossível.

---

<sup>29</sup> Seria necessário, aqui, incluir elementos próprios do funcionamento e da história do RDR.